

18

SERMAM  
DO ESPOSO

DA MAY DE DEOS

S. IOSEPH.

NO DIA DOS ANNOS

DO SENHOR REY

DOM IOAM O IV.

Da gloriosa memoria.

*Prégono na Capella Real*

OP. ANTONIO VIEIRA DA COMPANHIA  
de I E s v Prégador de S. Magestade.



*Com todas as licenças necessarias.*

EM LISBOA.

NA Impressam Real, por Antonio Craesbeeck de  
Mello. Anno de 1673.

# DECLARATION

I, \_\_\_\_\_  
do hereby declare that the above is a true and correct copy of the original as shown to me by \_\_\_\_\_  
on this \_\_\_\_\_ day of \_\_\_\_\_ 19\_\_\_\_.

I, \_\_\_\_\_  
do hereby declare that the above is a true and correct copy of the original as shown to me by \_\_\_\_\_  
on this \_\_\_\_\_ day of \_\_\_\_\_ 19\_\_\_\_.

I, \_\_\_\_\_  
do hereby declare that the above is a true and correct copy of the original as shown to me by \_\_\_\_\_  
on this \_\_\_\_\_ day of \_\_\_\_\_ 19\_\_\_\_.

I, \_\_\_\_\_  
do hereby declare that the above is a true and correct copy of the original as shown to me by \_\_\_\_\_  
on this \_\_\_\_\_ day of \_\_\_\_\_ 19\_\_\_\_.

I, \_\_\_\_\_  
do hereby declare that the above is a true and correct copy of the original as shown to me by \_\_\_\_\_  
on this \_\_\_\_\_ day of \_\_\_\_\_ 19\_\_\_\_.

*Ioseph fili David noli timere. Math. i.*



ONHOU Ioseph (Muy altos, & muy poderosos Reys, & Senhores nossos) sonhou Ioseph, o que depois foy Vizorei do Egypto, que o Sol, a Lua, as estrellas abatendo do Ceo á terra a Magestade luminoza de seus resplandores, humilde méte postrados o adoravam. Quiz inter-

*Gen. 37.*

pretar este sonho seu pay, & disse, q' elle Jacob era o Sol, Rachel sua esposa a Lua, seus filhos desde Rubé a Benjamin as estrellas, & que viria tempo a Ioseph, em que Deos o levâtaria a tam soberana fortuna, que seu mesmo pay, sua máy, & seus irmãos có o juelho em terra o adorassem. Os Doutores commumente tem esta interpretação do sonho por verdadeiras; mas o certo he que hum Ioseph foy o que sonhou, & outro Ioseph foy o sonhado. O Ioseph que sonhou foy Ioseph o filho de Jacob; Ioseph sonhado foy Ioseph o esposo de Maria. O Ioseph filho de Jacob sonhou sométe, porque ainda que digamos, que em seu pay o adorou o Sol, & em seus irmãos as Estrellas, he certo que em Rachel sua máy lhe faltou a adoraçam da Lua, porque quãdo Jacob, & seus filhos adoraram a Ioseph no Egypto ja era morta Rachel, & ficava sepultada em Belem. Segue-se logo, que o Ioseph verdadeiramente sonhado foy Ioseph o esposo de Maria, porque nelle se compriram cabalmente todas as partes do sonho. Adorou a Ioseph o Sol, porque a titulo de sojeiçam filial lhe guardou reverécia, & acatamento o mesmo Sol de Iustiça Christo: *Et erat subditus illi:* adorou a Ioseph a Lua, porque o titulo de verdadeira esposa lhe deveo obediencia, & amor aquella Senhora, que he como a Lua fermosa: *puer a vi Luna:* adoraram a Ioseph a Estrellas porque o titulo, ou reputaçam de pay de seu Mestre o respeitaram com grãde veneraçam os Apóstolos,

*Luc. 2.*

*Cant. 6.*

# Faint Title at the Top of the Page

Several lines of very faint, illegible text or a list of items, possibly a header or introductory paragraph.

A block of faint text, likely the beginning of a main section or paragraph, containing several lines of illegible characters.

Another block of faint text, continuing the content from the previous section.

The final block of faint text at the bottom of the page, possibly a conclusion or a list of items.

*Ioseph fili David noli timere. Math. i.*



ONHOU Ioseph (Muy altos, & muy poderosos Reys, & Senhores nossos) sonhou Ioseph, o que depois foy Vizorei do Egypto, que o Sol, a Lua, as estrellas abatendo do Ceo á terra a Magestade lum inosa de seus resplandores, humilde méte prostrados o adoravam. Quiz interpretar este sonho seu pay, & disse, q' elle

*Gen. 37.*

Iacob era o Sol, Rachel sua esposa a Lua, seus filhos desde Rubé a Benjamin as estrellas, & que viria tempo a Ioseph, em que Deos o levâtaria a ta m soberana fortuna, que seu mesmo pay, sua mây, & seus irmãos cõ o juelho em terra o adorassem. Os Doutores commúmente tem esta interpretação do sonho por verdadeiras; mas o certo he que hum Ioseph foy o que sonhou, & outro Ioseph foy o sonhado. O Ioseph que sonhou foy Ioseph o filho de Iacob; o Ioseph sonhado foy Ioseph o esposo de Maria. O Ioseph filho de Iacob sonhou somente, porque ainda que digamos, que em seu pay o adorou o Sol, & em seus irmãos as Estrellas, he certo que em Rachel sua mây lhe faltou a adoraçam da Lua, porque quãdo Iacob, & seus filhos adoraram a Ioseph no Egypto ja era morta Rachel, & ficava sepultada em Belem. Segue se logo, que o Ioseph verdadeiramente sonhado foy Ioseph o esposo de Maria, porque nelle se compriram cabalmente todas as partes do sonho. Adorou a Ioseph o Sol porque a titulo de sogeizam filial lhe guardou reverencia, & acatamento o mesmo Sol de Iustica Christo: *Et erat subditus illis:* adorou a Ioseph a Lua, porque o titulo de verdadeira esposa lhe deveo obediencia, & amor aquella Senhora, que he como a Lua fermosa: *purba ut Luna:* adoraram a Ioseph a Estrellas porque o titulo, ou reputaçam de pay de seu Mestre o respeitaram com grãde veneraçam os Apóstolos,

*Luc. 2.*

*Cant. 6.*

Dan. 12.

ftolos, aquelles de quem diz o Spiritto Santo: *Fulgebunt q uat  
fi stella in perpetuas aternitates.* E quando sò a Virgem Ma-  
ria adorasse a seu esposo, nesta sò adoraçam se compria to-  
do o sonho inteiramente, porque nella o adorava o Sol, nel-  
la a Lua, nella as estrellas: o Sol, *Mulier amicta Sole,* a Lua  
*Luna sub pedibus ejus,* as estrellas, & *in capite ejus corona duo-  
decim Stellarum.*

Apoc. 12

Este he S. Ioseph, senhor, & este he o soberano Planeta, q  
predominou neste fermoço dia, dia em que como felicif-  
fimo nacimiento de V. Mag. naceu outra vez aos Portu-  
gueses a esperança, ao Reyno a liberdade, & Portugal a sy  
mesmo. Iusto era que ao nacimiento de taõ grande, & novo  
Rey melhoraße suas cõstellaçõs o Ceo, & lhe affitsem  
novos, & mayores Planetas. Nõs nacimẽtos dos outros Prin-  
cipes & Monarchas do mũdo, ou predomina o Sol, ou pre-  
domina a Lua, ou predomina alguma das Estrellas; mas ne-  
ste nacimiento singular, pera q fosse mais felice q todos, pre-  
dominou hũ Planeta novo, & superior, a quẽ o Sol, a quẽ a  
Lua, a quẽ as estrellas adoraõ. Parecerã isto modo de fallar,  
& consideraçam sò minha, mas he doutrina muy assentada,  
nam menos q desdo antiquissimo Tertuliano. Notou este  
grande Doutor, que os Magos no nacimiento de Christo  
nam renunciaram a astrologia, mudaraõna. Antes de Chri-  
to nacer observavaõse as estrellas do Ceo, despois de seu  
nacimẽto observavaõse as estrellas de Christo. *De Christo est  
matheis hodie Stellas Christi non Saturni, & Martis observat.*  
Parece que para este dia foram cortadas estas palavras. *De  
Christo est Matheis hodie:* a astrologia do dia de hoje he de  
Christo, *Stellas Christi non Saturni, & Martis observat:* nam  
obseruamos estrellas de Marte, ou de Saturno, cujos juizos  
sam tam errados, como fabulosos seus nomes; obseruamos  
hũa Estrella de Christo, Estrella a quem todas demais ado-  
ram, que he, nam Ioseph o filho de Jacob, senam Ioseph o  
filho de David, *Ioseph fili David noli timere.*

Tertul.

Sendo pois tam superior a Estrella deste dia, sendo tam  
divino o Planeta deste nacimiento, quaes seram, ou quaes  
seriam

feriam suas influencias? Ora eu pera satisfazer a todas as obrigaçoens desta solemnidade, & pera que com devoto agradecimento conheçamos os Portuguezes o muito que devemos ao divino Esposo da Virgem, pretendo mostrar hoje, com algũa evidencia, que a liberdade a que este Rey; no se restituio, & todos os bens, que com ella gozamos, são & foram influencias de Sam Ioseph. Tudo o que havia mister, & tudo o que podia dezejar influyo neste seu dia a Portugal este soberano Planeta. Tudo o que Portugal havia mister, & tudo o que podia dezejar era ser Reyno, & ter Rey. Porque ainda que na realidade huma, & outra cousa tinhamos, nem o Reyno sem Rey era Reyno, nem o Rey sem Reyno era Rey. Pois que fez neste seu dia Sam Ioseph? para que o Rey tivesse Reyno influiu ao Reyno restituçam de liberdade. E pera que o Reyno tivesse Rey influiu ao Rey. calidades, & perfeiçoens Reaes. Esta será a materia. Para fundamento, & prova de toda ella, não quero mais q̃ a metade das palavras do thema: *Ioseph fili David*. Todas estas palavras do Evangelho seram prova destas duas: & estas duas palavras seram reposta de todas as duvidas do Evangelho.

*Ioseph fili David nolli timere*

**E** Stando cuidadoso, & affigido Sam Ioseph entre as perplexidades do Mysterio da Encarnação, cujos effeitos via, & cujas causas ignorava, diz o nosso Evangelista, que lhe appareceo hum Anjo em sonhos, o qual lhe disse assi. *Ioseph fili David nolli timere*. Ioseph filho de David nam temas. Depois pôde ser que pondere, o nam temas, agora reparo somente no filho de David. Filho de David Ioseph a estas horas: com que fundamento? se a soberania daquela profapia estava ja tam envelhecida, ou tam envilecida em Ioseph, que o sceptro Real de David pella injuria, & inconstancia dos tempos tinha ja degenerado

Chrysol.

em suas mãos a instrumentos mecânicos, como lhe chama  
filho de David o Anjo: chama-lhe o que he, nam lhe chame  
o que foy, que isso ja não lembra. Sam Pedro Chryfologo  
refpondeu a esta duvida cõ hũas palavras, q̃ sendo escritas  
em Italia ha oitocẽtos annos, parece, que se escreveram em  
Portugal de tres a esta parte. *Videtur fratres in persona genus  
vocari, videtur in uno totam profapiam nuncupari, videtur in Io:  
seph serm̃ Davidici stemmatis iam citari Trigesima octava ge-  
neratione natus quomodo David filius dicitur, nisi quia gentis ape-  
rietur arcanam fides promissionis impletur.* Largas mas divinas  
palavras! Chamou o Anjo a S. Ioseph filho de David, sen-  
do a trigesima oitava geraçam daquelle Rey (diz Chryfo-  
logo) para que se lembrasse o Santo das profecias antigas,  
& entendesse que o Reyno de Israel tiranizado pellos Ro-  
manos, em seus ditozos tempos se restituia a seu legitimo  
successor, conforme o juramento feito a el Rey David pri-  
meiro fundador daquelle Coroa: *Iuravit Dominus David ve-  
ritatem, & nõ frustrabitur cũ de fructu ventris tui ponã super se-  
dem tuam.* Onde he bem que notemos as palavras do jura-  
mento, nas quais diz Deos a David, que o fruto do seu ven-  
tre se assentaria no trono Real de Iuda: *de fructu ventris tui  
ponetur super sedem tuam.* Se Deos fallara com algũ Raynha  
parece, que estava dito com propiedade: o fruto do teu  
ventre se tornarã a assentar no trono Real; mas fallando cõ  
hum Rey? fallando cõ David? sy: porque como diz San-  
to Ireneo, Tertuliano, & S. Agostinho, quis Deos significar,  
que quando o Reyno se restituisse havia de ser perferido  
a linha feminina à masculina como verdadeiramente a cõ-  
teceo, porque ainda que Ioseph, & Maria eram filhos de  
David, Christo que foy o Rey prometido era filho de  
David por Maria, & nam por Ioseph. O caso he tam se-  
melhante ao do nosso Reyno, que nam necessita de aco-  
modaçam. De maneira que temos a restauraçam de hum  
Reyno tiranizado, restituindo depois de muytas geraçoens  
a seu legitimo Senhor preferindo na successam a linha fe-  
minina à masculina, & tudo conforme as profecias antigas

Iren.  
Tercul.  
August.



& juramento do primeiro fundador do Reyno. Ha propri-  
 edade mais propria? pois estas foram as primeiras influen-  
 cias do nosso grande Planeta. Pera que o Rey, que, hoje  
 nacia tivesse Reyno, influir ao Reyno restituicao de liber-  
 dade. E ninguem me diga que se nam prova, que foram  
 isto influencias suas; porque os Planetas quando dominam  
 influem conforme suas calidades, & sendo este o dia, & es-  
 tas calidades de S. Ioseph, não se pode negar quo foram  
 estas suas influencias.

Esta he a primeira rezaõ do *fili David*. Pera a segunda de-  
 ficulto as mesma palavras com diversa ponderaçam. Este  
 Anjo que aqui appareceo a S. Ioseph, tornoulhe a appare-  
 cer outras tres vezes; appareceulhe em Belem quando lhe  
 notificou que se desterrasse pera Egypto: appareceulhe  
 em Egypto quando o avisou da morte de Herodes; appa-  
 receulhe no caminho de Iudea, quando o assegurou, que Math. 22.  
 podia ir viver a Nazareth: & de todas estas vezes nenhũa Num. 16.  
 lemos que lhe chamasse filho de David. Pois se este titulo Namer.  
 de filho de David o nao dá o Anjo em nenhũa outra oc. 22  
 casiam a Sam Ioseph, neste caso de sua perplexidade por-  
 que lhe chama Ioseph filho de David: *Ioseph fili David no*  
*li temeret?* Varias razoes dão os Santos, Ieu direi tambem a mi-  
 nha, porque a quero provar. Chamou o Anjo a Sam Io-  
 seph nesta occasiam filho de David: porque se ouve o San-  
 to nesta tam difficultosa açam com tanta realeza de ani-  
 mo, que bem mostrava, que ainda que a fortuna lhe tirara  
 a coroa da cabeça, tinha muito de Rey no coraçam. Cha-  
 moulhe filho de Rey, porque vio que se portara muyto  
 como Rey. Esta foy a segunda influencia, que diziamos do  
 nosso Planeta Ioseph neste seu dia. Pera, que o Reyno tives-  
 se Rey influir ao Rey calidades. & perfeicoens Reaes. Bê  
 conheço que parece cousa difficultoza na açam de huns  
 ciúmes formar a idea de hum Principe perfeito, mas o  
 discurso me desempenhará, & nam nos hade desfajudar o  
 Evangelho. Vamos com elle.

*Ioseph autem cum esset vir justus, & nollet eam traducere ve-*  
*luit*

*luis occulte dimittere eum.* Diz o Evangelista, que vendo Sam Ioseph os indícios tam manifestos da Conceição de sua esposa, que como fosse varaõ justo, & a nam quisesse entregar á justiça, pera q̄ a castigasse, cõ forme a ley. Aqui reparo, antes de ir mais por diãte. Hũa grãde implicaçam parece que tem este texto. Que quer dizer, que a não quiz entregar á justiça porque era justo? se dißera que a não quiz entregar á justiça porque era piadosa, entam parece que estava mais propriamente advertido. Perdoar, não acuzar são actos de piedade, não são actos de justiça. Pois porque troca o Evangelista os termos, & em vez de chamar a Ioseph piedoso lhe chama justo: *Ioseph autem cum esset vir iustus?* Chama o Evangelista a S. Ioseph, justo, quando, fazia hũa tam grande açam de piedade; porq̄ como Ioseph tinha tanto de Rey, *Ioseph fili David*, tinha obrigaçã de justiça a ser piedoso; & quem tem obrigaçã de justiça a ser piedoso, quando he piedoso he justo. A piedade nos outros homens he piedade, no Principe he justiça.

Quiz o bom Ladrão q̄ usasse Christo cõ elle de piedade, & disse assi, *Domine memento mei ut cum veneris in regnum tuum.* Senhor lembraivos de my depois que chegares ao vosso Reyno. Depois que chegares? & antes porque nam? A quem tanto padecia nam lhe estava melhor o socorro antes mais cedo, que mais tarde? si estava. Pois porque nam diz lembraivos, Senhor, de mi agora, senão depois de chegares a vosso Reyno? A rezaõ foy, diz Sam Chrystoffo, porque a lembrança, & piedade, que o ladrão pedia antes de Christo ser Rey era favor, que lhe podia fazer, depois de ser Rey era justiça que nam podia negar. Foy tam astuto requerente o ladrão, que sendo a sua petiõ de misericordia, quiz que fosse o seu despacho de justiça. E como os Reys tem obrigaçã de justiça a ser piedosos, por isso disse lembraivos, Senhor, de my, não antes, senão depois de vires ao vosso Reyno, porque a mesma piedade que antes de Christo ser Rey era piedade, depois de ser Rey era justiça. He verdade que a mileria, que o ladrão padecia

Chrysol.

padecia éra presente:mas como a misericordia,que esperava, antes de Christo Reynar,era voluntaria, & depois de reinar, devida:por isso regulou sabiamente o seu requerimento,nam pelo tempo,em que experimenta em sy a necessidade, senam pera o tēpo, em que cōsiderava em Christo a obrigaçam.*Cum veneris in regnum tuū.* Não peço a piedade para agora senão pera depois que estiveres no vosso Reyno:porque ainda que eu a nam mereço agora, por ser culpado, vós ma deveis depois por seres Rey. E Christo que ja na Cruz era Rey, & Christo que ja na Cruz estava no seu Reyno,que he o que fez?*Hodie mecū eris in paradiso.* O ladrão pedia a piedade pera depois, porque cuidava q̄ Christo ainda não era Rey, & Christo cōcedeu-lhe a piedade logo, para mostrar q̄ ja o era. Hoje, hoje estarás comigo no paraíso. Como se dissera o' Senhor. Pedes-me piedade a titulo de Rey, pois ja ta dou, porque ja ta devo: Rey sou. E se a piedade nos Reys he devida, se a piedade nos Reys he justiça, que muito que se chame justo, quando foi piedoso, quē tinha tanto de Rey como Ioseph? *Ioseph fili David.* Sendo piedoso foi justo, porq̄ perdoando a ofensa, que suspeitava, pagou o que devia a quē era. O perdão de suz espoza foram obrigaçoens de seu pay; *Ioseph fili David.*

*Et nollet eam traducere, voluit dimittere eam.* Não a quis entregar á justiça, quis deixalla, & irse. A segunda cousa em que S. Ioseph mostrou ser filho de David, foy aquelle *nollet*, & aquelle *voluit*. Quis deixala, & não a quis entregar. Quis, & não quis? O quanto tēdes de Rey, divino Ioseph! Em nenhũa cousa se mostra mais o ser de Rey, que em ter querer, & ter não querer. A liberdade da vontade humana como dizem os Theologos, consiste em hũa indiferença, que se chama quero, ou não quero. Tal ha de ser a vôtade Real: livre, & nam fogueita. O Principe nem ha de ter a sua vontade fogueita a outrem, nem ha de estar fogueito á sua vôtade. Se té a sua vontade fogueita a outrem, não he Rey dos seus, se está fogueito á sua vontade, não he Rey de sy. Pois pera reynar sobre sy, & sobre os seus ha de ter a vontade

rade em hũa indefferença tão livre, & tão senhora, q̄ seja seu o querer, & seu o não querer *nollet voluit.*

2. Reg.  
18.

Quiz Deos tirar o Reyno a Saul, & sendo que tinha Saul a Ionatas seu filho herdeiro, não deu Deos o Reyno a Ionatas, senam a David. Pois porque rezião a David, & não a Ionatas? Ionatas era hum Principe muyto generoso, muyto liberal, muyto benigno, muyto esforçado, & sobre tudo era filho herdeiro de hum Rey, que pera o respeito dos vassallos importa muyto. David pello contrario era hum pastor, filho de outro de que senam sabiaõ mais talẽtos que atirar huma funda, & tocar hũa arpa. Pois porque deserda Deos a Ionatas, & dá a Coroa a David? Eu o direi. Diz o texto fallando de David, & de Ionatas. *Anima Ionatae conglutinata est anima David:* que a alma de Ionatas se atou à alma de David, De sorte que ainda que ambas as almas estãvãõ atadas, a que se atou foi a de Ionatas a David, & não a de David a Ionatas. Advirtio agudamẽte S. Gregorio Taumaturgo. *Vincula inferre praestantioris erat, non inferioris, agglutinati autem deterioris. Ita quidem ut vinculis expedire se quodam modo non possent.* E como Ionatas se atou a David, & David a Ionatas nam: por isso tira Deos a Coroa da cabeça a Ionatas, & mete na mão o sceptro a David. Porque Principe, como Ionatas, que ata a sua vontade à vontade do vassallo, tem talento de vassallo, nam tem talento de Rey; & vassallo, como David, que não sabe a tar a sua vontade, à vontade doutrem, ainda que seja hum Principe este tem talento de Rey, não tem talento de vassallo. E como Deos reparte os officios conforme os talentos, & nam conforme as calidades: seja vassallo o Principe Ionatas, seja Rey o pastor David. Rey que tenha a vontade atada a outrem nam faz isso Deos.

Greg.  
Iam.

E porque rezam importa tanto, que o Principe nã o seja fogeito à vontade alhea? Por duas reasons: hum da parte do Rey, outra da parte do Reyno. Da parte do Rey, porq̄ nam he Rey he subdito: da parte do Reyno, porque nam he Reyno, he confusam. Comessemos por este segundo

Quam

Quando o Sol parou às vozes de Iosué, aconteceram no mundo todas aquellas consequencias, que, parando o movimento celeste, consideraõ os Philosophos. As plantas por todo aquelle tempo não crescerãõ; as calidades dos elementos, & dos mistos nam se alteraram; a geraçam, & corrupçam, cõque se conserva o mundo, cessou; as artes, & os exercicios humanos de hum, & outro emisferio estive-ram suspensos: os antipodas não trabalhavam, porque lhe faltava a luz: os de cima cansados de tam comprido dia deixavam o trabalho: estes pasmados de verem o Sol que senam movias; aquellestambem pasmados de esperarem pello Sol, q̃ nam chegava; cuidavaõ, q̃ se acabara pera elles a luz; imaginavaõ que se acabava o mundo: tudo eram lagrimas, tudo assombros, tudo horrores, tudo confusoens. Que he isto? Quê desordenou a compustura do Vniver-fo? Quem descompoz a harmonia da natureza? Donde tanta desordem, donde tanta confusaõ ao mando? Sabeis dô-de? A scriptura o disse em duas palavras. *Obediente Domino* *vocis hominis*: obedecendo Deos á voz de hum homem. E em hum mundo onde Iosué manda, & Deos obedece; em hum mundo onde manda o criado, que havia de obedecer, & obedece o Senhor que havia de mandar: q̃ muyto que aja confusoens, que aja desordens, que aja descomposturas: que muyto que nada creça, que nada se obre, q̃ tudo vâ pera traz: que muyto que os de cima triúfem, & os debaixo chorê: & q̃ nascêdo o Sol para todos, os de cima levem todas as luzes, & os debaixo todas as trevas?

Com grâdes exemplos destes, se tem infamado o mundo em todas as idades, & sem pedirmos aos seculos passa- dos as memorias de Galba, né de Tiberio os nossos olhos são boas testemunhas. Nòs o vimos, & nòs o vemos. Pergũto, Portuguezes, vòs que vistes o que padecestes, vòs, que vedes o q̃ gozais, dôde veyo tâta differença em tão poucos annos? A differença não a pondero, porque a vê os olhos: a causa porque a vem he só o que pergunto. Sabeis porq̃? Porque então tínhamos hum Rey sojeito a hũa vontade

alhea, hoje temos hum Rey Senhor das vontades alheas, & mais da sua: entam tinhamos hũ Rey cativo, hoje temos hum Rey livre: entam tinhamos hum Rey obediente, hoje temos hum Rey obedecido: entam tinhamos hum Rey fei- nhoreado, hoje temos hum Rey senhor. Esta he a differença. Rey senhor digo (& he a segunda rezão) por que o Rey fogeito á vontade alhea nam he senhor. He Rey subdito, he Rey nam Rey.

Quando Christo foi levado ante Pilatos, pergütou elle aos ministros daquela justiça: *quid vultis faciam de Rege Iudeorum?* Que quereis q̄ faça do Rey dos Iudeos? Responderam os Escribas, & Fariseos: *Tolle, tolle crucifige eum:* que- remos q̄ o crucifiqueis. E que fez Pilatos? *Tradidit eum voluntati eorum:* Entregou á vontade delles. Pergunto agora, quem fez mayor injuria a Christo em quanto Rey dos Iudeos, os Escribas, & Fariseos na sua petiçam, ou Pilatos na sua permissão? Os Escribas em o pedirem pera a Cruz, ou Pilatos em o entregar á sua vôtade? Todos os Doutores cõmumente condenão mais a Pilatos, & cõ muyta razão. Muyto mayor injuria fez Pilatos a Christo cõ sua permissam do q̄ os Fariseos em sua petiçam. Porque os Fariseos no que pediam, mostravaõ que Christo era verdadeiro Rey, & Pilatos no que permitia mostrava que Christo não era Rey verdadeiro. Os Fariseos mostravão, que era Rey verdadeiro, porque pediam a Christo pera a Cruz, & nam ha mayor prova de ser verdadeiro Rey, que chegar a dar o sangue, & a vida por seus vassallos. E Pilatos no que permitia mostrava que nam era Rey verdadeiro, porque entregou a Christo á vôtade dos seus, & nam ha melhor prova de não ser verdadeiro Rey, que ser Rey entregue á vôtade alhea: *Tradidit eum voluntati eorum.* E senão vejamos o que se seguio. Tanto q̄ Pilatos entregou a Christo á vontade delles, immediatamente o vestio de hũa purpura de farda, deraõlhe hum sceptro de cana, puserãolhe huma coroa de espinhos, & faziaõlhe grandes adoraçoens zombando: *Illudabant ei dicentes, Ave Rex Iudeorum.* De maneira que

que antes de Christo estar foyeito à vontade alhea, ainda em suas bocas era verdadeiro Rey; *Quid vultis faciam de Rege Iudeorum?* Mas tão to q̃ o entregaraõ a vontade alhea logo foi Rey de farça, & de zōbaria: *Illudebant ei dicentes Ave Rex Iudeorū* Rey entregue á vōtade doutrẽ, terá purpura, terá sceptro, terá coroa, terá adoraçoẽs, mas a purpura naõ he purpura, o sceptro, he cana, a coroa espinhas, as adoraçoens zōbaria; *Illudebant ei dicentes Ave Rex Iudeorū*. E como he tam grande calidade de Rey ter a vontade sua, & nam foyeito: por isso o Anjo chamou a S. Ioseph filho del Rey David, quando o vio tam isento senhor de sua vōtade, que era seu o querer, & o não querer: *Cum nollet eam traducere voluit dimittre eum.*

*Hæc autem eo cogitans.* Resoluto S. Ioseph a deixar sua esposa, diz o texto, q̃ andava o Sãto considerãdo *Hæc autem eo cogitans*: Esta consideraçãõ de S. Ioseph medã muyto q̃ cõsiderar, & q̃ reparar. Naõ estava ja o Sãto deliberado, & resoluto? Sy estava: que isso quer dizer aquelle *voluit*, deliberaçãõ da vōtade. Pois se a vōtade estava deliberada, & resoluta, que he o que considerava Ioseph? Considerar antes de resolver, isso fazem, ou devem fazer todos, mas depois de resolver considerar ainda? Sy. Porque as materias de grande importãcia (qual esta era) hãse de considerar antes, & mais depois. Antes de resolver hãse de considerar o caso, depois de resolver hãse de considerar a resoluçãõ. Esta differença acho entre a Philosophia natural, & a moral, & politica: que a Philosophia natural pede hum conhecimento antes da deliberaçãõ; *Nihil volitum quin præcognitum*; a Philosophia moral, & politica pede hum conhecimento antes, & outro depois: hum conhecimento antes que guie a vontade a tomar a resoluçãõ, & outro conhecimento depois, que examine a resoluçãõ depois de tomada. Assim fez Sam Ioseph. Conheceo, & considerou primeiro, & logo resolveo *voluit*: & depois de resoluto, & deliberado tornou ainda a considerar: *Hæc autem eo cogitans*,

Prolog.

Genes 3.

Peccou Adam, e escondese, & antes de Deos lhe notificar a sentença de desterro, diz o texto, que andava o Senhor passeando, & fallando consigo no Paraíso: *Audivit vocem Dei deambulantis*. As vozes, & os passeos tudo era proprio em Deos, porque o fallar consigo encontrava o attributo de sua Sabedoria, & o passear de hũa parte para outra encontrava o attributo de sua immensidade, & immutabilidade. Pois que obriga a Deos a fallar consigo contra o attributo de infinitamente sabio? Que obriga a Deos a passear de huma para outra parte, contra o attributo de immutavel, ou immovel? Se vinha castigar a Adão, porque o nam castiga? Se vinha desterrallo do Paraíso, porq̃ o não desterra? Porque? Porque era materia grande, & quila Deos considerar primeiro. Por isso passeava sô como pensativo: por isso fallava consigo, como irresoluto. Procedeu Deos em desfazer o homem, como havia procedido em o fazer. Quando o fez fello com conselho: *Faciamus hominem*, quando o desfez, desfello com consideraçã: *audivit vocem Dei de ambulantis*. Passear Deos de hũa para outra parte parecia descredito de sua immutabilidade, mas não era se não honra. Cõ Deos ser por natureza immovel, & immudavel, honraste muyto de haver hũa cousa, que o possa mudar, & mover, que he a razão, & como no caso de Adam havia rezoês por hũa, & outra parte, por isso passeava Deos, & se movia de hũa parte para a outra, porque de hũa, & outra parte havia rezoês que o movessem. As rezoês, que havia para castigar, o levavão: as rezoês, que havia pera perdoar, o trazião. Que me desobedeceffe Adam! Heide castigalo. Esta rezão o levava. Que haja de deitar do Paraíso hum homẽ, que ainda agora, e iz nelle! Nam o hei de castigar: esta rezão o trazia. Fazer hũ homẽ de nada, foi credito de minha bõdade: desfazelo por pouco mais de nada, por hũa maçã parece demasiado rigor de minha justiça. Ora perdoolhe. Virava Deos e passêo. Mas que hum homem levantado de nada se atrevesse contra quem o criou he grande soberba! E que hum homem por pouco mais de nada por hũa



hũa maçã, arrastasse tantos respeitos! he grande engratidão. Nam lhe heide perdoar. Tornava a voltar Deos, & ir por diante. De maneira que assi andava o Supremo Rey como fluctuando de hũa rezam, pera outras; considerando antes de resolver, & despois de resolver tornando a considerar. Bem assi como S. Ioseph neste caso. Hũa vez sobre considerado resolutio, & outra vez sobre resolutio considerado;  
*Hac autem eo cogitante.*

Se fora noutra materia nam me espantára muyto, mas em materia de ciumes, em materia, em q̄ lhenão hia menos que honra, & amor, que não se arroja se Ioseph, que não se precipitasse; grande capacidade de animo. Lá diz Christo que se hũ cego guia outro cego, ambos se despenham: *Cecus sic ceco ducatur praestes nonne ambo in foveam cadent?* Aqui guiou hũ cego a outro cego, & não se despenhou nenhũ. Mat. 18  
O ciume guiava a Ioseph, o amor guiava o ciume, & sendo cego o ciume, & cego o amor, nam foram bastantes dous affectos cegos, & tam cegos para que a prudencia de S. Ioseph se precipitasse. Disse affectos cegos, & tam cegos: porque os ciumes de S. Ioseph eram fundados nas evidencias do que vira, & nam ha mais perigosas cegueiras, q̄ as que té de sua parte os olhos. Dous olhos, & dous cegos guiavao a Ioseph neste caso, o que occasião pera hũ precipicio: E que elle se tivesse tam firme nos estribos de sua prudencia; que nem a vista lhe deslumbraffe a cegueira, nẽ a cegueira lhe escurecesse a vista, para que se arroja se; grã de valor. Mas era Ioseph filho de David, & quem tinha tanto de Rey, como havia de ser arrojado?

Quizerão matar a Christo os de Cafarnaum, & c om este intento o levavam a hum monte alto, para dahi o despenharem Que faria Christo neste passo? Fesse invisivel: & passando occulto pello meyo delles, escapou de suas mãos. Senhor, que resoluçãõ he esta? Vos não vistes ao mũdo a morrer pellos homens? Si vistes. Morrer a mãos dos mesmos por quem se morre, ainda he mayor credito do amor; que seja o instrumento quem he a causa. Pois se tendes

rendes tão boa occasião de dar a vida, porque a nam lo-  
 grais? Porque fugis da morte? Direi, Christo Senhor nos-  
 so no dia de sua morte tinha determinado tomar o titulo  
 de Rey, de que na vida fogira: estes homens queriamno  
 matar arrojando de hum monte abaixo: *Vt precipitarent*  
*eum:* pois por isso o Senhor ainda que dezejasse muyto  
 morrer, não admitio este genero de morte, porque nam di-  
 zia bem a açam de arrojado com o titulo de Rey, Rey, &  
 crucificado, isso si: que assas Cruz he o Reynar: mas Rey,  
 & arrojado não: porque encontra o titulo dessa Cruz. Lá  
 outra vez o diabo a aconselhou a Christo q̄ se arrojasse elle:  
*mitte te deorsum.* Estes homens aqui quizerão arrojar com  
 suas mãos: *vt precipitarent eum.* Mas Christo, né se foguei-  
 tou a esta violencia, nem quiz tomar aquelle conselho,  
 porque o Principe, né se hade arrojara sy, nem o ha de ar-  
 rojar outrem. Nem por imperio proprio, nem por impulso  
 alheo. E como he tão grande parte de Rey nam ser arroja-  
 do, por isso S. Joseph o foy tam pouco nesta occasiam, que  
 o achou o Anjo temeroso, quando o pudera achar temera-  
 rio. *Joseph fili David nolitiñere.* O que glorioso não temas:  
 que deçao Anjos a socegar temores em lanço, que deve-  
 ram decer a resistir temeridades? Mas assi obra quem assi  
 considera, & assi considera, quem he filho de David. *Hæc*  
*autem eo cogitante.*

Já reparamos no *cogitante*, reparemos agora no, *Eo. Hæc*  
*autē (eo) cogitante.* Com ser hũa palavra de sò duas letras, té  
 muyto que reparar. Diz o Evangelista, que as considera-  
 ções que Joseph fazia sobre este caso, elle as discorria  
 consigo: *eo*, elle, muyto pondera Sathimio que as nam  
 communicasse com outrem, & tem rezaõ. Porq̄ o cuidado  
 & afflicção de S. Joseph avia mitter alivio, & remedio, o ali-  
 vio estava na communicação, o remedio no conselho: pois  
 porque se não a aconselha S. Joseph num caso tam duvido-  
 so, porque o nam comunica com outrem? Porque em  
 materias grandes (como era esta) muytas vezes importa  
 mais o segredo, que a resoluçam. E negocio em que im-  
 portava

tanto o segredo, não fora S. Ioseph filho de David se a cõ-  
municara com outrem. Materias em que pode ser perigo:  
sa a falta do segredo, não haõ de sair de peito do Principe  
nem para o mayor valido, nem para o mayor confidente,  
nem para o mayor amigo.

He certo, que perguntou S. Ioam a Christo quem era o  
traidor que o havia de entregar; he certo que Christo lhe  
respondeo: he certo que dormio reclinado em seu peito S.  
Ioã; mas não he certo quando adormeceu. Pergunto, em  
que ponto adormeceu S. Ioã? Dizem alguns Doutores, q  
adormeceu tanto, que acabou de perguntar; de maneira q  
quando Christo respondeo, ja S. Ioã estava dormindo. Fú  
dam este parecer no texto: porque diz absolutamete que  
nenhũ dos que estavam à mesa soube o que Christo disse  
*Hoc autem nemo scivit discumbentium.* Se nenhum: logo nem  
S. Ioam? E se Sam Ioam, a quem se disse o nam ouvio: logo  
ja estava dormindo. Pois que misterio teve este sono su-  
bito? Que em tal occasiam não podia ser a caso. Porque  
adormeceu S. Ioam à resposta de Christo? O mysterio foy  
este. Vio se Christo Senhor nosso naquella occasiam como  
em talas cõstrandido a faltar a hũa de duas; ou ao respeito  
de amigo, ou à obrigaçam de Rey. Se não digo a Ioam o q  
me pergunta, fulto aos respeitos de amigo; se descubro hũ  
segredo de tanta importancia, fulto às obrigações de Rey:  
pois que remedio para nam faltar ao amor, nem ao segre-  
do? O remedio foi ordenar Christo, que S. Ioam adorme-  
cesse, tanto que perguntou, para que não pudesse ouvir o  
mesmo q lhe respõdia. E desta maneira ficou o Senhor satis-  
fazendo juntamete as obrigações de Rey, & aos respeitos  
de amigo: aos respeitos de amigo, porque respondeo ao q  
Ioam lhe perguntara: & às obrigações de Rey, porque não  
communicou o que convinha encobrirse. De sorte que  
na boca de Christo, & nos ouvidos de S. Ioã esteve o se-  
gredo juntamente encuberto, & revellado; Revellado na  
boca de Christo, como segredo de amigo: encuberto nos  
ouvidos de Ioã, como segredo de Rey. Tanto devem os

Ioam. x 31

C

Princi-

Sic.  
Chryf.

Principes recatar algum segredo, ainda dos maiores privados, qual era Ião. E se não considerem se os inconvenientes que do contrario se seguiam. Se o Senhor descobri-  
ra o segredo a Ião. Ião avia de dizer a Pedro, que pera  
isso o perguntava: se Ião o dizia a Pedro, Pedro avia de ma-  
tar a Iudas, q̄ a esse fim o queria conhecer: se Pedro mata-  
va a Iudas, não se executava a veda, & morte de Christo: &  
não morrendo Christo ficava impedido o remedio do mún-  
do, o genero humano sem redenção, & o imperio do me-  
mo Christo frustrado. Ha maiores incôvenientes? De ma-  
neira q̄ de se conservar aquelle segredo, q̄ não parecia nar-  
da dependeo a conservação do imperio de Christo. Nam  
importa menos hum segredo que hum imperio.

Math. 27

Leo.  
209.

Tanto que Christo espirou, rasgou-se o veu do templo,  
em final de que tambem a sinagoga espirava, & se acabava  
a Monarchia Hebraea. Assi o dizem todos os Doutores: mas  
eu replico. O final sempre hade ter porporçam com o que  
significa, & muita, se he natural: pois que proporçãõ tinha  
rasgar-se o veu do tẽplo com se aver de acabar o imperio  
da Synagoga? Grande proporçam diz San Leam Papa:  
*Sacrum illud mysticumque secretum, quod solus summus Ponti-  
fex iustus fuerat intrare, resecretum est.* Aquelle veu do tem-  
plo era a cortina que cobria a Sancta sanctorum, onde es-  
tavam escondidos os secretos, & mysterios daquella ley,  
vedados a todos, & só ao Sũmo Sacerdotes permitidos, &  
por isso tinha grande porporçãõ rasgar-se o veu do tẽplo  
para significar q̄ se acabava a Sinagoga: porq̄ não ha mais  
proprio final de se acabar hum imperio, hũz monarchia, q̄  
romperem-se as cortinas dos seus mysterios, & resgarem-se  
os véos de seus segredos. Os Reynos, & as monarchias sus-  
tentam-se mais do mysterioso, que do verdadeiros: & se se  
manifestam seus mysterios, mal os defendẽ suas verdades.  
A opiniaõ he a vida dos imperios, o segredo he a alma da  
opiniaõ. A prevẽção sabida ameaça a hũz sò parte, secreta  
ameaça a todas. Os intentos ignorados suspendẽ a attençaõ  
do inimigo, manifestos sãõ a guia mais segura de seus ac-  
certos

certos Reyno cujas resoluçoens primeiro forẽ publicas, q̃ executadas: ò q̃ perigosa cõjeitura tẽ de sua conservaçam!

Que bem entendia esta politica El Rey David. Levantou Abisão com o Reyno, começou a fazer grandes levadas de gente, grandes exercitos contra David: & David q̃ faria contra Abisão? Chamou Chusay hum grande seu conselheiro, disse-lhe, que se passasse á confidencia de Abisão, & que como fosse admitido aos conselhos, lhe revelasse, por vias occultas, tudo o que lá passasse. *Omne verbum quodcumq̃ audieris de do no regis judicabis.* Isto fez David, & não fez mais. Pois David, se vem contra vòs tam numerosos exercitos de Abisão, porque não fazeis tambem exercito? E ja que vos descuidais destas pervençoens, a q̃ fim mandais lá Chusay? Que hade fazer hũ homem cõtra Abisão? Obrou David como soldado tam experimentado, & como Rey tão politico. Querêdose opor ao poder de Abisão, tratou sobre tudo de lhe meter hum conselheiro seu nõ conselheiro, porque entendeo que mayor guerra fazia a Abisão cõ hũ homẽ q̃ lhe rõpesse os seus segredos, q̃ cõ muitos mil homẽs, q̃ lhe rompessem os seus exercitos. Hũ exercito roto pode se refazer, mas hũ segredo roto nam se pode remediar. Hũ exercito roto pode se refazer com soldados, hum segredo roto nõ se pode soldar com exercitos. Qualquer grande poder sem segredo he fraqueza: & a mesma fraqueza com segredo he grande poder. Em quãto Sãntam encobrio o segredo dos seus cabellos, destruiu exercitos inteiros: como descubrio o segredo a Dalida, cortaram-lhe os cabellos os Filisteus, & poderãõ tirar aquellas valentes mãos, de quem tantas vezes foraõ vencidos. O q̃ grande exemplo do poder do segredo! De maneira que se te cabellos, cõ segredo, faziãõ tremẽ exercitos armados & esse mesmo poder, que fazia tremẽ exercitos armados sem segredo, bastou hum golpe de hũa tesoura para o desbaratar. Por isso David contra Abisão tratou de lhe conquistar os segredos, & não de lhe vencer os exercitos. E se tanta estimaçam fazia de hũ segredo David, porq̃ era Rey

que muito que fizesse tanta estimacão do segredo Ioseph porque era filho de David? *Ioseph fili David.*

*Math. 6.* Fez taõ grande estimacão do segredo S. Ioseph, que nam sòmente nam fiou de outrem, mas tambem nam o fiou de si. Para bem se guardar o segredo, nam só havemos de recatar dos cutros, mas tambem o havemos de recatar de nós. O meu segredo ha o de saber algũa parte de mi, mas todo eu nam o hei de saber. Hei de fazer hũ repartimento entre eu, & mi, & se o souber a metade de mi, nam o hade saber a outra ametade. Parece doutrina paradoxica, & he conselho expresso de Christo. *Cum facis elemosinam ne scias sinistra tua quid faciat dextera tua:* Quando fizeres algũa esmolla com a mam direita, nam o saiba a mam esquerda. Pergunto: & porque nam disse Christo, quando fizeres algũa esmolla com a mam esquerda nam o saiba a mam direita? Porque a mão direita he mais nobre, a mão esquerda menos: & da mais nobre fiou Christo a liberdade, da menos nobre desconfiou o segredo. O segredo a ninguém; mas havendo de ser, às mayores calidades. Diz pois Christo: O que souber a mão direita, nam o saiba a esquerda. Como se differa: haveis de fazer hum repartimento entre vós, & vós, & o segredo que souber aquella ametade que chega da mam direita até o coração, nam o saiba o outra ametade, que chega do coração até a mão esquerda. Assim fez Sam Ioseph. O seu segredo sabia o parte de Sam Ioseph; mas todo Sam Ioseph nam o sabia. Sabia o a parte mais nobre da alma, cõ suas potencias; mas nam o sabia a parte menos nobre do corpo. Os seus sentidos sabião as potencias da alma, porque o sabia a vontade, *Noluit*, & o entendimento; *Cogitavit*: mas nam o sabiam os sentidos do corpo, porque nã a boca o pronúciou, nã os olhos o significaram, nem em outro algum sentido se vio indicio. Donde se verá a razã porque o Anjo appareceo a Sam Ioseph em sonhos: *Angelus Domini apparuit in somnis Ioseph.* E porque nam acordado, senã dormindo? Porque como Sam Ioseph fiara o segredo sò às potencias da alma

dalma: & nam a os sentidos do corpo, aguardou o Anjo a que os sentidos estivessem dormindo para acudir ao remedio, sem violar o segredo. *Angelus Domini apparuit in somnis Ioseph quod nulli fuerat ipse confisus, sed inclusum tantummodo mente voluebat:* disse advertidamente S. Ioam Chryso-  
mo. Tanto recato guardou S. Ioseph, & tanto respeito o Anjo a hum segredo.

*Hæc autem eo cogitante, ecce Angelus Domini apparuit in somnis Ioseph.* Estão S. Ioseph cuidando nestas confas appareceolhe hum Anjo em sonhos, diz o Evangelista. Notavel consequencia: Se sonhava logo dormia, & se dormia como cuidava? Dormir, & cuidar juntamente, parece que nam pode ser. Pois se estava cuidando. *Hæc autem eo cogitante;* como estava juntamente dormindo: *Ecce Angelus Domini apparuit in somnis Ioseph?* Dormia, & mais cuidava S. Ioseph, porque era filho de David. Esta differença fez o sono dos Principes ao dos outros homens: que os Reys cuidam dormindo, & dormem cuidando. O sono dos Reys he hum sono desvelado, he hum dormir cuidadoso, hum descansar inquieto, hum desatender advertido, hum descurar-se vigiando. Nos outros homens o sono he prisão dos sentidos: nos Reys he dissimulação somente. Por isso ao Leam lhe deram o Imperio dos Animaes, porque dorme com os olhos abertos. Nenhum Rey fechou os olhos, que lhe nam fizesse centinella o coração. *Ego dormio, & cor meum vigilat:* dizia o Rey sabio.

Dormindo estava Pharaõ, quando vio aquelle sonho admiravel da sete vacas fracas, q̄ comiam a sete robustas, em q̄ se significavaõ os sete annos de fartura, & os outros sete de fome, q̄ au iam de succeder no Egypto. Era Rey, por isso lhe inquietavam o sono estes cuidados. Quatorze annos antes levava Pharaõ adiantado o governo de seus vassallos, & ja entam sonhava cõ seus bês, & o desvellavam seus males. Isto he dormir como Rey. Nos outros homẽs o sono he hũa morte, nos Principes o sono sam duas vidas. Pharaõ acordado vivia no tempo presente, dormindo vi-

Gen. 42.

Dan. 3.

via no presente, & mais no futuro: no presente por duram, no futuro por cuidado. Mais via Pharaó dormindo com os olhos fechados, que acordado com os olhos abertos: acordado com os olhos abertos via o que ja era, dormindo com os olhos fechados, via o q̄ ainda não era, só porque avia de ser. Fechou os olhos para dobrar a esfera da vista. Com os olhos abertos via poucos espaços de lugar, com os olhos fechados alcançava grandes distancias de tempo. Assim dormia o Rey do Egypto Pharaó. E o Rey dos Assirios Nabuco como dormia: dormia sonhando com o seu Reyno, & com os estranhos. Vio Nabucodonosor aquella prodigiosa estatua, que representava os quatro imperios dos Assirios, dos Persas, dos Gregos, & dos Romanos: o corpo estava descuidado, com os sentidos prezos, & a alma andava cuidadosa, levantando, & derrubando estatuas, fustigando Reynos, & Monarchias. Mais fazia Nabucodonosor dormindo, que acordado: porque acordado cuidava no governo de hũ Reyno, & dormindo imaginava na successão de quatro. Pois se Nabuco era Rey dos Assirios, quem o metia com o Imperio dos Persas, com os dos Gregos, com o dos Romanos? Quem? A obrigação do officio que tinha. Era Rey, & quem quer conservar o Reyno proprio hade sonhar com os estranhos. Do Reyno proprio hade ter cuidado, & os Reynos alheos lhe haõ de dar cuidado. Ninguẽ governou bem o seu Reyno, q̄ nam attendesse ao governo de todos. O bom Rey tẽ por esfera o mũdo. He Rey do seu Reyno pelo dominio, & Rey de todos os Reynos pelo cuidado. E como o dormir, & o cuidar não he contrariedade nos Reys, senam natureza, ou obrigação quando menos, tendo Sam Ioseph tanto de Rey, nam he muyto que estivesse cuidando, & dormindo juntamente. *Hec autem eo cogitante ecce Angelus Domini apparuit in somnis Ioseph.*

Ora eu nam me espanto tanto de que Sam Ioseph dormindo cuidasse, senaõ de que cuidaõ dormisse. Que dormindo pudesse ter tais cuidados nam me espanta, mas q̄ tendo



têdo tais cuidados pudesse dormir, isto me admira. O certo he que tanto mostrou S. Ioseph a realza de seu animo em dormindo poder ter tais cuidados, como em tendo tais cuidados poder dormir. No meyo dos mayores cuidados ter magnanimidade de coração para dar algũ alivio aos sentidos, tambem he parte de Rey.

Transfigurouse Christo no monte Tabor, dando hum bom dia a sua humanidade sagrada, o melhor que nesta vida teve; aççam em que sempre reparei muito, não tão pelo descostume, quanto pelo tempo. O tempo em q̄ Christo se transfigurou foi quando trazia mais entre mãos os negocios da redempçam do mundo, & andava em vesporas de a côcluir, como bem mostraraõ as praticas que teve cõ Moyfes, & Elias. Pois Sephor meu, se andais com hũ negocio de tanta importancia entre mãos, se andais em vesporas de concluir nam menos, que a redençam do mundo, como vos ides ao retiro do monte Tabor? Como tomais horas de recreaçam? Como vos pondeis a ouvir vozes do Ceo? No meyo de tão grãdes cuidados esse divertimêto? Si. Foy Christo alegrarse ao monte Tabor, quando mais cuidadosamente tratava o negocio da redempçam, para mostrar que não he contra a obrigação de Rey, nẽ de Redemptor, no meyo dos mayores cuidados tomar hum dia de monte. *Duci in montana pars regni est*: disse discretamente S. Hieronimo. Tomar hum dia de monte, tomar hũa hora de recreaçam, no meyo dos mayores cuidados, tambem he parte de Rey. Descançar para cançar mais, antes he ambiçam de trabalho, que dezejo de descanso. Quãdo as potências dalma estão tão fatigadas, justo he que se de algum alivio aos sentidos do corpo. Mas reparo nas palavras do Santo. *Pars regni est*. Se differa S. Hieronimo, que os morderados passatempõs, sam privilegios das magestades: se differa que sam gages do poder supremo; que sam divertimentos licita, & honestamente soberanos, bem estava. Mas dizer, que sam calidades de Rey, & parte de reynar: *Pars regni est*: Si. Porque o principal attributo de reynar he at-

Mat. 17.

D. Hier.

tender ao cuidado do Reyno: & tambem he parte de atender aos cuidados, descuidar-se por hum hora delles. Para digerir o negocio, he necessario defafogaro animo; parte he logo de cuidado o divertir-se, quando o recrear os sentidos, vem a ser habilitar as potencias. Nam quero outra prova mais q̃a do nosso Evangelho. Douz estados teve S. Ioseph neste seu caso, hum de cuidadoso quando imaginava, outro de divertido quando dormia. Pergũto. E quando resolveo Sam Ioseph o negocio que tanta pena lhe dava? Quando? Quando se divertio hum pouco delle. Quando o cuidado lo imaginava, tudo eram duvidas, tudo escrúpulos, tudo perplexidades; quando se divertio hum pouco dormindo serenaram-se as tempestades do animo, & desfes a verdade a cõfussão, que o trazia perplexo. De maneira q̃ o demisiado cuidado lhe embaraçava a resolução, & o moderado descanso lhe resolveo o cuidado. Quando deu a recreaçã aos sentidos, entã achou a soluçã dos negocios. *Ecce Angelus Domini apparuit in somnis Ioseph.* E como tambẽ he parte de Rey, no meyo dos mayores cuidados, tomar algũ descanso; por isso o Aujo quando achou dormindo a S. Ioseph, no meyo dos seus lhe chama filho del Rey David. *Ioseph fili David noli timere.*

Temos acabado a segunda influencia do nosso Planeta que foy: Para que o Reyno tivesse Rey influir ao Reyca-  
 lidades, & perfeiçõs reaes. Na applicaçã dellas seme offerecia agora larga materia a hum agradável discurso, se pregara noutrõ lugar. Mas acontece hoje o que a Plinio cõ a Magestade de Trajano, que a presença de taõ moderado Principe lhe impehia a mayor parte de sua oraçã, quasi offendendo cõ o silencio suas virtudes, por nam offender com o discurso sua modestia. *Orationẽ meam ad modestiam Principis moderationemq̃ submittam, nec minus considerabo quid aures ejus pati possint quamquod i virtutibus debeat.* E assi para q̃ os louvores sejaõ sõ de S. Ioseph; & para q̃ nam falte de nossa parte ao reconhecimento agradecido das grandes obrigaçõs que lhe devemos; saibamos que

Plin.

nam

nam sò foram influencias deste benigno Plastera as calidades do nascimento, senão a conservação da vida, que sua Magestade logre por compridissimos annos para que concermos muytos dias destes. Neuhum Rey teve mais arriscada a vida, & com ella o Reyno, que aquelles tres Reys que no nascimento de Christo o adoraraõ; porque estavaõ debaixo da jurdição de Herodes, & sogeitos às temeridades de sua tyrania. Com tudo Deos os levou por taes caminhos, que elles conservaraõ as vidas, & se restituiram a seus Reynos. Mas porque merecimentos? Ou vi humas palavras de Sam Hieronimo de poucos atè hoje bem entendidas. *Responsum accipiunt non per Angelum, sed per ipsum Dominum ut meritorum Ioseph privilegium demonstraretur.* Ensinoulhes Deos imediatamente o caminho por onde se haviam de restituir salvos a seus Reynos, porque se vissem os privilegios de Sam Ioseph: *Vi Ioseph privilegium demonstraretur.* Salvarem se os Reys a pesar do tyrano, privilegio dos Reys parece, porque elles o gozaram: pois como diz Sam Hieronymo, que nam foy senam privilegio de Sam Ioseph: *Vi privilegium Ioseph demonstraretur?* Como S. Ioseph era do Real sangue de David, ainda por força natural de sangue estam tam vinculados seus merecimentos ao patrocínio das pessoas Reaes, que quando Deos guarda os Reys, fallo pellos privilegios de S. Ioseph. Dos Reys foy o beneficio, mas de Sam Ioseph foy o privilegio. *Vi Ioseph privilegium demonstraretur.* Assi que conservar S. Magestade a vida a pesar do tyrano dentro em suas proprias terras, & restituir se a seu Reyno por caminhos tam outros do que se podia esperar. *Per aliã viã reversi sunt in regionẽ suã;* fortunas sam de S. Magestade, mas foram privilegios de S. Ioseph. *Vi Ioseph privilegiũ demonstraretur.* A S. Ioseph devemos a vida, & os annos do Rey que nos deu em seu dia.

Mas quero eu por fim, q̃ advertamos, q̃ ainda q̃ nos deu o Rey, & os annos, mais lhe devemos pelos annos, q̃ pelo Rey. Ora notai. O Reyno de Portugal, nam se perdeu por falta de Rey: perdeu se por falta de annos. Nam se perdeu por

tender ao cuidado do Reyno: & tambem he parte de atender aos cuidados, descuidar-se por hum hora delles. Para digerir o negocio, he necessario defafogaro animo; para he logo de cuidado o divertir-se, quãdo o recrear os sentidos, vem a ser habilitar as potencias. Nam quero outra prova mais q̃a do nosso Evangelho. Dous estados teve S. Ioseph neste seu caso, hum de cuidadoso quando imaginava, outro de divertido quando dormia. Pergũto. E quãdo resolveo Sam Ioseph o negocio que tanta pena lhe dava? Quando? Quando se divertio hum pouco delle. Quando cuidado: o imaginava, tudo eram duvidas, tudo escrupulos, tudo perplexidades; quando se divertio hum pouco dormindo serenaram-se as tempestades do animo, & desfes a verdade a cõfussãõ, que o trazia perplexo. De maneira q̃ o demisiado cuidado lhe embaraçava a resoluçãõ, & o moderado descanso lhe resolveo o cuidado. Quando deu a recreaçãõ aos sentidos, entãõ achou a soluçãõ dos negocios. *Eccè Angelus Domini apparuit in somni Ioseph.* E como tambẽ he parte de Rey, no meyo dos mayores cuidados, tomar algũ descanso; por isso o Aujo quãdo achou dormindo a S. Ioseph, no meyo dos seus lhe chama filho del Rey David. *Ioseph fili David noli timere.*

Temos acabado a segunda influencia do nosso Planeta que foy: Para que o Reyno tivesse Rey influir ao Rey calidades, & perfeições reaes. Na applicaçãõ dellas seme offerecia agora larga materia a hum agradável discurso, se pregara noutrõ lugar. Mas acontece como hoje o que a Plinio cõ a Magestade de Trajano, que a presença de taõ moderado Principe lhe impedio a mayor parte de sua oraçãõ, quasi offendendo cõ o silencio suas virtudes, por nam offender com o discurso sua modestia. *Orationẽ meam ad modestiam Principis moderationemq̃ submissam, nec minus considerabo quid aures ejus pati possint quamquod i virtutibus debeat.* E assi para q̃ os louvores sejaõ sò de S. Ioseph: & para q̃ nam falte de nossa parte ao reconhecimento agradecido das grandes obrigaçõens que lhe devemos: saibamos que

Plin.

nam

nam sò foram influencias deste benigno Plañeta as cali-  
 dades do nascimento, senão a conservação da vida, que sua  
 Magestade logre por compridíffimos annos para que con-  
 temos muytos dias destes. Neuhum Rey teve mais arris-  
 cada a vida, & com ella o Reyno, que aquelles tres Reys  
 que no nascimento de Christo o adoraraõ; porque estavaõ  
 debaixo da jurdição de Herodes, & sogeitos às temerida-  
 des de sua tyrania. Com tudo Deos os levou por taes ca-  
 minhos, que elles conservarã as vidas, & se restituiram a  
 seus Reynos. Mas porque merecimentos? Ou vi humas Math. 1.  
 palavras de Sam Hieronimo de poucos atè hoje bem en-  
 tendidas. *Responsum accipiunt non per Angelum, sed per ipsum*  
*Dominum ut meritorum Ioseph privilegium demonstraretur.* En. Hier.  
 finquelles Deos immediatament eo caminho por onde se ha-  
 viam de restituir salvos a seus Reynos, porque se vissem  
 os privilegios de Sam Ioseph: *Vi Ioseph privilegium demons-*  
*traretur.* Salvarem se os Reys a pesar do tyrano, privilegio  
 dos Reys parece, porque elles o gozaram: pois como diz  
 Sam Hieronymo, que nam foy senam privilegio de Sam  
 Ioseph: *Vi privilegium Ioseph demonstraretur?* Como S. Ioseph  
 era do Real sangue de David, ainda por força natural de  
 sangue estam tam vinculados seus merecimentos ao pa-  
 trocinio das pessoas Reaes, que quando Deos guarda os  
 Reys, fallo pellos privilegios de S. Ioseph. Dos Reys foy  
 o beneficio, mas de Sam Ioseph foy o privilegio. *Vi Ioseph*  
*privilegium demonstraretur.* Assi que conservar S. Magestade  
 a vida a pesar do tyrano dentro em suas proprias terras,  
 & restituir se a seu Reyno por caminhos tam outros do que  
 se podia esperar. *Per aliã viã reversi sunt in regionẽ suã;* for-  
 tunas sam de S. Magestade, mas foram privilegios de S. Io-  
 seph. *Vi Ioseph privilegiũ demonstraretur.* A S. Ioseph devemos  
 a vida, & os annos do Rey que nos deu em seu dia.

Mas quero eu por fim, q̃ advirtamos, q̃ ainda q̃ nos deu  
 o Rey, & os annos, mais lhe devemos pelos annos, q̃ pelo  
 Rey. O: a notai. O Reyno de Portugal, nam se perdeu por  
 falta de Reys: perdeu se por falta de annos. Nam se perdeu  
 D por

por falta de Rey, porque nas mãos de dous Reys se perdeu, nas mão del Rey Dom Sebastiam, & nas mãos del Rey Dom Henrique. Perdeose porêem por falta de annos, porque el Rey Dom Henrique tinha tantos annos, que nos nam pode deixar sucessor: & El Rey Dom Sebastiam tinha tam poucos que sem nos deixar sucessor se foy matar a Africa. E como o Reyno se perdeu por falta de annos, & nam por falta de Rey, nam devemos tanto a Sam Ioseph pelo Rey como pelos annos. Porque nos deu hum Rey de tal idade, & em tal mediania de annos, qual o haviamos mister. Nem tam poucos annos como os del Rey Dom Sebastiam, porque havia mister mais annos o governo: nem tantos annos como os del R. y D. Henrique, porque havia mister menos annos a sucessam. Hum Rey que tivesse vivido os annos que bastassem para a experiencia, & q̄ lhe faltassem por viver os annos, que sam necessarios para a conservaço. Annos maduros para o côselho, efficaçes para execuçam, robustos para o trabalho, fortes, & animosos para a guerra, em fim annos, que se ham de continuar com muitos, & felicissimos: q̄ debaixo do patrocínio de Ioseph, nam ha annos infelices, ainda que os prometa o tẽpo. Pharaõ sonhou sete annos de fartura, & sete de fome: pozse debaixo do patrocínio de Ioseph, & todos os quatorse annos foram de fartura. De maneira q̄ na praxia do Rey havia annos felices, & infelices, mas na protecçam de Ioseph os felices, & os infelices todos foraõ ditos. Assim seraõ os annos q̄ esperamos (por mais q̄ o mudo padeça calamidades) felices todos por favor de S. Ioseph, felices na vida de Ss. Magestades, & Alzezas felices em gloriosas victorias de nossos inimigos: felices na conservaçam, & perpetuidade de nosso Reyno: felices em fim na reformaçam dos costumes, & augmento das virtudes Christãs por meyo da

graça. *Quam mihi, &  
vobis, &c.*

LAUS DEO.